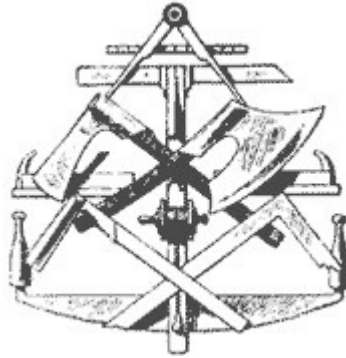


RITUAIS CARBONÁRIOS



GRAU I RITUAL DOS TRABALHOS no grau de Aprendiz Carbonário

RITUAL DA CARBONÁRIA ITALIANA

Em: Anônimo - Rituais e Sociedades Secretas, Nardini Editora. De uma pesquisa do arquivo da R.:L.: "Concórdia" dos ALAM de Florença.

Abertura

O Grão Mestre dá uma batida com o machado, repetido pelos assistentes, e diz em seguida: - Ocupem seus lugares, bons Primos Carbonários; bom Primo Mestre de Cerimônias, vede se todos os bons Primos estão em seus lugares.

O Mestre de Cerimônias verifica e responde: - Todos estão em seus lugares.

Gr.M. - Qual é o vosso dever na Venda, bom Primo Primeiro Assistente?

1º Ass. - Assegurar-me de que a nossa Cabana está bem coberta.

Gr. M. - Fazei a segurança por meio do bom Primo Esperto.

1º Ass. - Bom Primo Esperto, cumpri o vosso dever.

O Esperto sai da sala, faz a verificação e ao retornar diz: - Primeiro Assistente, estamos cobertos.

1º Ass. - Grão Mestre, a nossa Cabana está bem defendida dos Lobos de dentro e de fora.

Gr. M. - Primeiro Assistente, qual é o vosso segundo dever?

1º Ass. - Verificar se todos os Presentes estão corretamente trajados e são Bons Primos desta Respeitável Venda.

Gr. M. - Verifiquem, pois, por meio do Bom Primo Mestre de Cerimônias e do Esperto.

1º Ass. - Ordena que façam o giro.

O Mestre de Cerimônias toma de todos a Palavra Sagrada e diz: - Primeiro Assistente, todos os presentes estão apropriadamente trajados e são bons Primos desta Venda.

1º Ass. Repete para o Grão Mestre.

Gr.M. - Primeiro Assistente: A que horas se abrem os nossos trabalhos?

1º Ass. - No momento em que o Sol ilumina as nossas Florestas.

Gr.M. - Já que o Sol ilumina as nossas Florestas, e é a hora que os bons Primos Carbonários dão início aos seus trabalhos, Assistentes, avisai a todos os seus Obreiros a unirem-se a mim, depois da devida invocação, a abrir os trabalhos desta Respeitável Venda e a executar os procedimentos usuais. Os dois Assistentes repetem as Ordens recebidas. O Grão Mestre dá um golpe de machado, chama a Ordem e prossegue assim:

Gr.M. - À Glória do Grão Mestre do Universo e de São Teobaldo, nosso Protetor, e sob os auspícios da Alta Venda de Nápoles, a Respeitável Venda sob o título distintivo de..... abre os seus trabalhos no Grau de Aprendiz. A ninguém é permitido deixar seu lugar, nem tomar a palavra sem tê-la solicitado.

Fazem-se os sinais e batem três golpes desta forma:

- A Venda está aberta, bons Primos, tomai vossos lugares. Primeiro e Segundo Assistente, avisai a todos que prestem atenção na leitura da peça do Forno dos últimos trabalhos.

Os Assistentes repetem e respondem: - Está tudo anunciado.

Gr.M. - Bom Primo Secretário, tendes a palavra.

O Secretário lê a Ata da última sessão.

Gr.M. - Bons Primos, Primeiro e Segundo Assistentes, comunicai aos vossos Obreiros, a respeito da Ata que acaba de ser lida pelo Primo Secretário, que se houver alguma omissão, a palavra lhes será concedida. Os Assistentes repetem, em seguida o Primeiro Assistente diz: - O aviso foi feito.

Gr.M. - Bom Primo Orador, tirai as vossas conclusões. Após a aprovação do Orador e a aprovação que a Assembléia manifesta com um Tríplice Aplauso se leva a Ata para a assinatura dos principais Oficiais.

Gr.M. - Bom Primo Esperto, verificai se existe na Floresta algum visitante que queira tomar parte dos nossos trabalhos. O Esperto sai. Se existem, apresentam os seus documentos, quando não são conhecidos, fazendo ainda com que escrevam seus respectivos nomes e sobrenomes em uma folha que será entregue ao secretário. Os documentos e outros papéis são entregues ao Orador que os verifica. Se tudo está regular, o Grão Mestre diz: - Fazei-os entrar, bom Primo Esperto.

Os Visitantes entram e param no meio da Sala, diante do Quadro Simbólico. Gr.M. - De onde vindes, bom Primo Visitante?

R. - De uma Floresta de minha Venda e de meu Obreiro.

Gr.M. - Para onde ides?

R. - Para a Câmara de Honra.

Gr.M. - Que vindes fazer aqui?

R. - Vencer minhas paixões, submeter minha vontade e instruir-me na Respeitável Carbonária.

Gr.M. - Que trazeis de vossa floresta?

R. - Lenha, folhas, terra para construir, levantar e queimar um Forno.

GR.M. - Nada mais trazeis?

R. - Fé, esperança e caridade para todos os bons Primos desta Câmara de Honra e o desejo de tomar um lugar entre vós.

Gr.M. - Este vos é concedido. Bom Primo Mestre de Cerimônias, levai-o ao seu lugar.

INICIAÇÃO

RITUAL DA CARBONÁRIA ITALIANA

O Primo Cobridor diz: - Algum profano bate à nossa porta.

Os Assistentes repetem: - Algum profano bate à nossa porta.

Gr.M. - Vede quem é este temerário que ousa perturbar os nossos pacíficos trabalhos.

O Cobridor diz: - É um profano, que se encontra perdido na Floresta.

Os Assistentes repetem: - É um profano que se encontra perdido na Floresta.

Gr.M. - Perguntai a eles o que procuram e com que direito pretendem estar entre nós.

O Cobridor responde pelo Candidato: - Com a liberalidade de seus princípios e com a moralidade de seus costumes.

Gr.M. - Fazei-o entrar. - Cidadão, quem inspirou a idéia de vir até nós e qual é o vosso plano (a esta e às seguintes interrogações se espera resposta espontânea do Candidato) - Nunca fostes instruído em nossa Instituição? Estai atento para não se arrepender de uma resolução tomada imprudentemente. Quais pensamentos o inspiraram os objetos oferecidos à vossa visão na gruta onde estivesdes fechado? Qual opinião formastes da Sociedade, à qual pretende pertencer, à qual vos apresentastes livre de metais e com os olhos vendados? Tendes medo de que algum de nós abuse de vossa fraqueza e do estado de cegueira em que vos encontrais? Essa cegueira representa o estado de ignorância na qual o homem é geralmente obrigado a percorrer, de erro em erro, nas terras que o circundam. Dos erros acaba-se passando para o excesso dos vícios, os quais principalmente terminam no abuso dos bens pessoais, dos quais fostes privado. Com tal privação pretendemos prevenir-vos contra as principais desordens das sociedades corruptas, em cujo seio até agora fostes educado. Nós exigimos três coisas das que querem fazer parte de nossa sociedade: Primeira: Uma total sinceridade de coração. Segunda: Uma absoluta docilidade. Terceira: Uma constância à toda prova no desprezo dos perigos. Estareis plenamente determinado e sentireis toda a força necessária para vos submeterdes às provas pelas quais deveis passar? Estas exigem toda a firmeza de espírito possível de que o homem é capaz. Quereis submeter-vos a esta terrível prova?

Gr.M. - Já que estais inteiramente decidido, bom Primo Esperto, fazei-o realizar a primeira e segunda viagem. Sai, e feita a viagem, volta e bate irregularmente à porta.

O Cobridor diz: - Segundo Assistente, é o profano que volta das suas viagens.

Os Assistentes repetem: - É o profano que volta das suas viagens.

Gr.M. - Fazei-o entrar (até aqui usou um tom de voz severo, que agora suaviza.) - O que observastes em vossas viagens? (O Candidato responde como quizer) Vós deveis combater e superar o conflito dos males inevitáveis da Natureza, e isto vos foi mostrado na viagem perigosa pela Floresta entre o rumor ameaçador da chuva e dos trovões, por causa da impureza original da Natureza, onde fostes feito; foi necessário fazer-vos

passar, purificando-a por meio do fogo, o que constituiu a vossa segunda viagem. Possa este fogo material acender em vós aquele fogo sagrado da virtude, que é necessário na nova vida que iniciáis. Nós exigimos de vós outra prova mais severa, e esta é um Juramento, o mais sagrado e inviolável. Ele não ofende nem Religião, nem o Estado, tampouco os deveres e direitos civis, mas deveis subscrevê-lo. Estais disposto a fazê-lo?

Candidato: - (Responde afirmativamente)

Gr.M. - De pé e a Ordem, bons Primos. Mestre de Cerimônias, fazei-o aproximar-se do Trono, acompanhado dos Guardas. (Pronuncia o Juramento ajoelhado).

Gr.M. - Mestre de Cerimônias, levai-o para o meio dos Obreiros - O Primeiro e o Segundo Assistente se aproximam dele. O Mestre de Cerimônias fica atrás, pronto para desvendá-lo. O Primeiro Assistente põe a mão sobre seu ombro.

Gr.M. - Que desejais, profano? (Resposta: A Luz).

Gr.M. - Esta vos será concedida ao terceiro golpe do meu machado.

Os Assistentes dirigem contra ele os seus machados. O Mestre de Cerimônias o desvenda.

Gr.M. - Esses machados, que vedes em nossas mãos, servirão para trucidá-lo se vos tornardes perjuro. Por outro lado irão em vosso socorro se tiverdes necessidade. - Mestre de Cerimônias, conduzi-o ao Trono. - Deveis pronunciar novamente e ratificar uma parte do Juramento que prestastes de olhos vendados. Repeti comigo: - Eu juro e prometo reconhecer e observar os Estatutos Gerais e Regulamentos da Ordem Carbonária e da Alta Venda de Nápoles e também desta Respeitável Venda, da qual sou Membro.

Dito isto, realiza-se o Batismo do Iniciado, que assim se faz: O Grão Mestre toca em seus olhos, ouvidos, nariz e lábios com uma toalha de linho levemente umedecida de água, dizendo-lhe sucessivamente:

- Não vejais senão por meio de nossos olhos. - Não ouvi senão por meio de nossos ouvidos. - Aspirareis os eflúvios do nosso Carvão. - Não pronunciareis senão palavras sábias. Dito isto o Grão Mestre prossegue: - Á Glória do Grão Mestre do Universo, em nome de São Teobaldo e sob os auspícios da Grande Loja de Nápoles, e pelos poderes que me foram confiados, eu vos constituo Aprendiz Carbonário e Membro desta respeitável Venda. (levanta-se e lhe dá os paramentos). - Tomai estes ornamentos, os quais servem para dar-vos o direito de sentar-se entre nós. Não deveis jamais apresentar-vos aqui sem estar paramentado. Para nos reconhecerdes temos Sinais, Toques e Palavras Sagradas. Essas últimas não se pronunciam senão em Venda, onde nós não usamos mais o título de Senhor, mas sim o de "Bom Primo". No momento em que fordes chamado á Ordem deveis vos colocar da seguinte forma (instrui-o como). Sejam-lhe restituídos os metais. O Grão Mestre dá-lhe o beijo da paz e ordena ao Mestre de Cerimônias de instruí-lo nos Sinais e nas Palavras, depois o faz reconhecer pelos Assistentes.

Segundo Assistente: - Bom Primo Primeiro Assistente, tudo está justo e perfeito.

O Primeiro Assistente repete para o Grão Mestre. Nesse meio tempo o Candidato será colocado no meio da Sala.

Gr.M. - Bons Primos Primeiro e Segundo Assistentes, avisai os vossos Obreiros que seja reconhecido em seguida como Membro desta Respeitável Venda o bom Primo..... e uni-vos a mim para conferir-lhe os devidos direitos.

Os Assistentes repetem.

Gr.M. - À Ordem e pelo Sinal.

Fazem-se os Sinais e os Aplausos. O Mestre de Cerimônias pede a palavra e agradece a Venda pelo Iniciado, o qual se une a ele para levar os benefícios, pelos quais será responsabilizado.

Gr.M. - Tomai seus lugares, meus bons Primos. O Iniciado permanece no meio, até que lhe seja feita a explicação do Quadro. Depois será colocado na frente da fila dos aprendizes.

CATECISMO

P. - De onde vindes, meu bom Primo Carbonário?

R. - Da Floresta.

P. - O que tendes feito?

R. - A todo custo tenho providenciado materiais para acender o Forno.

P. - Que trazeis?

R. - Saúde e amizade a todos os bons Primos Carbonários.

P. - Onde fostes recebido?

R. - Sobre a toalha de linho numa Câmara de Honra de uma Venda Perfeita.

P. - Onde vos fizeram passar?

R. - No meio de uma Floresta, sob as escadas de um forno de carvão aceso por três Primos Carbonários em uma Câmara de Honra.

P. - E como estivestes preparado?

R. - Decentemente vestido, mas vendado.

P. - Fizestes alguma viagem?

R. - Fiz duas: Uma pela Floresta e a segunda pelo meio do Fogo.

P. - Que significa a primeira viagem pela Floresta?

R. - Que a vida humana está cercada de perigos, e para evitá-los, todo bom Carbonário deve ser vigilante e atento.

P. - Que significa a segunda viagem?

R. - Essa viagem feita no meio do Fogo indica que o coração dos bons Carbonários deve ser purificado de toda impureza, que deturpe e corrompa os bons costumes.

P. - O que observastes depois destas viagens?

R. - Fui conduzido vendado à Venda, para revelar o meu nome, sobrenome, nacionalidade, idade, religião, condição e local de minha residência atual.

P. - O que levavam os que vos receberam?

R. - Água, Terra e Folhas.

P. - Que significam essas coisas?

R. - Que sem preparar os materiais não se pode construir os Fornos e acender os Carvões.

P. - Introduzido na Venda, além de vosso nome e sobrenome, qual o outro que pronunciastes?

R. - De joelho dobrado diante do Trono proferi o meu Juramento, fui desvendado e instruído nos Sinais, Toques e Palavras.

P. - Quais são os Sinais?

R. (responde com os sinais)

P. - Quais são as Palavras?

R. - Não sei todas, dizei-me a primeira, que vos digo a segunda. (pronunciam mutuamente)

P. - Qual é o Toque?

R. (responde com o toque)

P. - O que significa o Tronco?

R. - O céu e a redondeza da Terra.

P. - Como compreendeis essas imagens?

R. - Na superfície da Terra estão espalhados todos os bons Primos Carbonários e o Céu, com a sua abóbada, nos cobre e nos protege.

P. - Que tendes observado sobre isso?

R. - Sete Fundamentos bem colocados e em boa ordem.

P. - E quais são esses fundamentos?

R. - A toalha de linho, a água, o fogo, o sal, a cruz, a lenha e as folhas.

P. - O que significa a toalha de linho branco?

R. - A candura de nossos costumes, essencial a todos os bons Carbonários.

P. - O que significa a água?

R. - É aquela que se torna sagrada pelo Grão Mestre do Universo, que os torna seus amigos.

P. - O que significa o sal?

R. - É aquele que nos ensina dele utilizar para impedir a corrupção causadora do vício em nossos corações, não somente nos bons Primos Carbonários, mas também em todo o restante da humanidade.

P. - O que significa o fogo?

R. - Que o coração dos bons Carbonários deve estar sempre aceso com as chamas da caridade e da máxima da sublime moral de fazer aos outros o que queremos que façam a nós mesmos.

P. - Que significa a cabeça cortada do lobo?

R. - É o destino reservado aos que tentarem perturbar nossos pacíficos trabalhos.

P. - Que significa a cruz?

R. - Que não se alcança a virtude senão por meio da grande labuta, a exemplo do nosso Grão Mestre, que com a cruz nos uniu a Deus.

P. - Que significam as lenhas e para que servem?

R. - São os primeiros materiais para acender o Forno.

P. - Que mais haveis observado?

R. - Um lenço branco e uma porção de terra: também vi o fio, uma coroa de espinhos e algumas fitas.

P. - Que significa o lenço branco?

R. - A pureza e a candura de coração dos bons Primos Carbonários.

P. - Para que serve a terra?

R. - Para tapar o Forno.

P. - Que significa o fio?

R. - A cadeia mística, que amarra e une os bons Carbonários por meio da virtude.

P. - Que significa a coroa de espinhos?

R. - Que os bons Primos Carbonários devem misticamente com ela ornamentar a fronte para lembrarem-se que a eles é proibido pensar contrariamente à virtude, à religião e ao Estado.

P. - Que significam as fitas?

R. - Os atributos principais da Sociedade Carbonária e as vestimentas dos bons Primos.

P. - De que cores são as fitas?

R. - Azul, vermelho e preto.

P. - Que significa o azul?

R. - O fogo do Forno.

P. - Que significa o vermelho?

R. - A chama do Forno.

P. - Que significa o preto?

R. - O carvão do Forno.

P. - Qual é o significado místico destas várias cores?

R. - Azul significa esperança, vermelho caridade e o preto a fé.

P. - De que material foi feito o primeiro Carvão?

R. - Do feto e da urtiga.

P. - Sois Aprendiz Carbonário?

R. - Como tal me reconhecem meus Mestres.

P. - Quanto tempo é necessário para fazer um Aprendiz?

R. - Nove sessões.

P. - Com quem trabalham os Aprendizes?

R. - Sob a direção dos Mestres.

P. - Que significa o sinal do Aprendiz?

R. - A fé dos bons Carbonários.

P. - Que significa o modelo pendurado na vestimenta?

R. - A vara do Forno.

P. - Como se corta lenha?

R. - Ao modo do modelo com a vara.

P. - Que significa o Chapéu em Venda?

R. - O forno coberto.

Ritual da Sociedade dos Lenhadores do Cavaleiro de Beauchaine (1747 aprox.)

Por: La Chaîne d'Union, n.2 1936-37

Tradução de A...L...C...2001

O Canteiro: - O Padre Mestre está sentado no alto do canteiro sobre um grosso cepo de carvalho, e se apoia com o cotovelo esquerdo sobre a mesa, o chapéu de abas abaixadas e coroadado de folhas de carvalho; leva no peito um cordão de seda verde do qual pende uma cunha de buxo e um cachimbo de canudo curto; está vestido com uma roupa de pano. Sobre a mesa, colocam-se uma jarra de vinho, pão seco, e pacotinhos com cinco moedas dentro, e xícaras de cerâmica, tantas quantos são os assistentes. Estes estão trajados todos como o Padre Mestre, com exceção da coroa de folhas de carvalho, cada um com um machado no ombro, sentados sobre uma almofada, tendo na frente um cepo de carvalho. O Primo Sorvo e o Primo Bordo estão sentados nos dois lados da mesa; o Primo Carvalho e o Primo Olmo estão no fundo do canteiro, um machado no ombro; o Primo Sorvo e o Primo Bordo estão ao lado do pão e do vinho da hospitalidade; o Primo Bordo Comum e o Primo Freixo estão ao lado do assento de honra, que é um cepo de carvalho sobre o qual é colocada uma coroa de carvalho; o Primo Faia está na entrada do canteiro, fuzil no ombro.

Recepção

Um Primo, vestido normalmente, vai à procura do aspirante na cabana onde esteve recluso. Conduzido ao ingresso onde se encontra a guarda do Primo Faia, o aspirante se vê ameaçado com o fuzil deste último, que lhe pergunta:

P. - Alto lá! O que quereis?

R. - Quero ser recebido como Companheiro Lenhador.

P. - Segui-me!

O Primo Faia bate então a diana com dois pedaços de madeira e grita três vezes:

- À vantagem! O Primo Olmo em seguida saúda o Padre Mestre com seu machado e anuncia:

- Padre Mestre, existe alguém entre vossos companheiros que se perdeu no bosque; desejais que eu lhe vá prestar socorro?

R. - Primo Olmo, é o seu dever, vá logo e faça aquilo que gostaria que vos fizessem. O Olmo saúda o Padre Mestre com um golpe de machado e segue para verificar o que houve no bosque. O Primo Faia o avista e lhe diz:

- Boa vida, Primo Olmo.

- Boa vida! Deve responder este último, que acrescenta:

P. - Quem é este homem?

R. - É um fuzil que pede para ser admitido Bom Companheiro Lenhador.

O Primo Olmo: - Vou perguntar se se pode fazer.

Retorna ao canteiro, saúda o Padre Mestre, que lhe diz:

P. - Boa vida, Primo Olmo, de onde vindes?

R. - Da Floresta do Rei.

P. - O que encontrastes?

R. - Um fuzil que pergunta se pode ser admitido Bom Companheiro e Primo Lenhador.

P. - É de sua vontade?

R. - Sim, Padre Mestre.

O Padre Mestre: - Admiti-o no Canteiro. Primos, trabalhai!

Todos os Lenhadores golpeiam o cepo de carvalho com o machado que está diante deles. O aspirante é introduzido pelo Primo Olmo, o qual é interrogado pelo Padre Mestre como feito anteriormente. O Padre Mestre se dirige depois ao aspirante:

P. - Falai, portanto, bravo jovem: O que vos traz aqui?

R. - É o desejo de ser admitido Bom Primo e Bom Companheiro Lenhador.

O Padre Mestre então diz: - Clamai a venda! (como dizer: Proclamai a asta! n.d.t.)

O Primo Olmo, pegando o recipiendário pela mão, o faz dar três voltas pelo canteiro, gritando três vezes: - À vantagem! E saudando com o machado cada vez todos os lenhadores, que lhe retribuem a saudação.

O Padre Mestre: - Bravo jovem, quereis mesmo ser admitido Bom Companheiro e Bom Primo Lenhador?

R. - Sim, Padre Mestre.

P. - Não será por curiosidade, ou por andar a contar aos outros os nossos deveres? Cuidai daquilo que estais por fazer!

R. - Não, Padre Mestre.

O Padre Mestre: - Se fostes tão azarado de nos trair, serão os nossos machados, as nossas serras, as cunhas, os machados a se vingarem.

O Padre Mestre se levanta então com precipitação, dirige o seu machado verso à frente do recipiendário; os Bons Primos imitam seu gesto. O Padre Mestre repete: - Tendes certeza de que não é por curiosidade que estais aqui?

R. - Não, Padre Mestre, eu venho somente para aprender a viver como Bom Primo.

Todos retomam seus lugares. O Padre Mestre se volta ao Primo Olmo: - Dizei ao Fuzil para escolher o seu padrinho.

O Primo Olmo o aconselha a escolher o Primo Carvalho. - Primo Carvalho, diz então o Padre Mestre, o Fuzil o toma como seu padrinho, agradecei-o pela homenagem que vos faz.

- Se é permitido - responde Primo Carvalho.

R. - Quando fazeis os vossos deveres, vos é permitido tudo. Mostrem-nos como se empilha a madeira. O Primo Carvalho cumprimenta o Padre Mestre e agradece o Fuzil. Aí, dá três pulos de lado chegando ao seu lado, olha-o e retoma: - Eis aí como se empilha a madeira. - Apresenta-lhe um machado, o faz dar golpes sobre um cepo rodando o braço. Por três vezes a lâmina do machado deve penetrar na mesma fenda. Aí, faz ajoelhar o recipiendário diante do Padre Mestre, a mão direita sobre o pão e a esquerda sobre o vinho da hospitalidade para prestar o seu juramento.

Juramento

Eu prometo sobre o pão e o vinho da hospitalidade não revelar nada sobre os Deveres dos Bons Companheiros Lenhadores, nem tampouco ao meu pai, sob a pena de ser privado do pão e do vinho da hospitalidade. Consinto, se faltar à minha palavra de honra, ser rachado pelo machado dos Bons Companheiros Lenhadores ou ser devorado pelos animais selvagens da floresta.

Prestado o juramento, o Primo Olmo ensina o Fuzil a bater a diana, informa ao Padre Mestre e o faz sentar no Assento de Honra preparado para esse evento; dá-lhe o pão e o vinho da hospitalidade e um viático de cinco moedas, dizendo-lhe: "Tomai, comei, bebei; nós vos damos aquilo que temos, mas de bom coração, não obstante sermos pobres, pegai os cinco dinheiros para ir em frente."

O Fuzil come e bebe. Ele é colocado no canteiro, um machado no ombro. Recebe então do Padre Mestre o sinal, que é deixar cair a mão direita, os dedos juntos, como se fosse cravar uma cunha em um cepo, e então, tomando-lhe a mão direita, com o dedo médio estendido, o Padre Mestre lhe diz ao ouvido as palavras sagradas: "Ferro, Carvão, Aço, Boa Vida e Bom Companheiro Lenhador!"

O recipiendário retribui o sinal a todos os Companheiros abraçando-os. O Canteiro é fechado pelo Padre Mestre:

- Boa Vida! Primos, abandonemos a obra, eis que chega a noite.

Seguem então os ágapes rituais, à base de sopa de couve: as panelas são de cerâmica e os talheres de madeira. Todos comem e bebem a seu gosto.

O Rito Florestal do Cavaleiro de Beuchesne

RÉGIS BLANCHET

**In: Régis Blanchet, La Résurgence des Rites Forestiers
(A ressurgência dos Ritos Florestais).
Les Editions du Prieuré 1997.
Tradução de A...L...C...**

Não desagrada a nenhum historiador nós acreditarmos que as tendências neo-druídicas Além Mancha - a herança panteísta de Toland em particular - participaram do deísmo inglês assim peculiar da primeira metade do século XVIII, e este movimento se transferiu para a França no período mais tardio (1725) da implantação da Maçonaria continental.

Invoquemos como prova de tal realidade uma opereta escrita em francês, A Relação Apológica da História dos Franco-Maçons (La relation apologique de l'histoire des Francs-Maçons) impressa em Londres e em Dublin em 1738, que não é senão um plágio total do Pantheisticon de Toland. Sem dúvida alguma, a sua vocação foi aquela de tocar os leitores Maçons franceses da época, e o fato de que ter sido editada em Londres e em Dublin por Prévost e Desmaiseaux apoia esta tese.

A confirmação desta penetração fecunda nos é dada pela criação na França, cerca de 1747, de um Rito Florestal misto - inclusive a Ordem Druida o foi desde o nascimento: Uma particularidade notável para a época - : aquele dos Fendeurs e das Fendeuses (os Cortalenha, em italiano, onde o termo não é de conotação sexual n.d.t.). Os Rituais são extremamente paganizantes e não contém nenhuma conotação judaico-cristã. A invocação se faz ao Profeta das Florestas; as reuniões aconteciam "no centro da floresta do rei". Sem dúvida alguma, podemos assimilar este Rito a um alter-ego francês da Ordem Druida inglesa, no qual encontramos traços do Pantheisticon de Toland: "O Céu é meu pai, a Terra é minha mãe" etc.

Entretanto, o senhor de Beuchesne não é o melhor exemplo de filósofo e idealista Maçon. Ele é lembrado pelo seu mercantilismo; vendeu pela melhor oferta patentes e graus inventados por ele mesmo, e nenhuma de suas invenções teve a possibilidade de sobreviver depois de 1773 (nascimento do Grande Oriente da França) como ao invés ocorre no Rito Florestal.

Este último, de resto, não foi inventado por Beuchesne, mas somente por ele "apanhado" em virtude de uma transmissão efetuada pelo responsável das Águas e Florestas do condado de Eu. Os Rituais desse Rito vêm de tradições ancestrais das florestas situadas entre Caen e Rouen, na zona de Eu. Lá se encontrava a vidraria Courval, que empregava um grande número de florestais para alimentar os fornos, mas também para procurar a turfa para queimar, indispensável à fabricação do vidro. Na região de Fougères (as Turfas, em italiano n.d.t.) uma atividade análoga durou por séculos.

Apesar deste Rito "rural" ter tido grande sucesso, e se ter difundido rapidamente em diversas regiões da França, não sabemos bem quem foram seus membros, os trabalhos, as orientações filosóficas e até mesmo políticas. De qualquer modo, isso pode ser assimilado a uma das formas de libertinagem do tempo, dado que infringia de ímpeto os tabus sobre as associações mistas... apesar de isso não significar que fosse um clube de encontros assimilável ao extremamente "hot" Hell Fire Club inglês do duque de Wharton (que foi também Grão Mestre da Grande Loja de Londres).

Assinalemos, enfim, que esta retomada ética paganizante não podia senão fazer tremer de horror todos os Católicos, fossem eles Galicanos ou Romanos, não importa. Este Rito Florestal foi certamente incluído nas motivações secretas da segunda excomunhão, Providas 1751. Com efeito, isso deixava subentender uma recusa total da teologia do "pecado original" sobre a qual se fundava todo o dogma cristão. Neste sentido, o pequeno Rito Florestal se juntava ao vasto movimento de contestação libertária imerso da geração dos ingleses Modernos, e a piscada de olhos a John Toland é bastante evidente.

Notemos, todavia, que esta "Maçonaria da Madeira", assim particular, leva todos os sinais de uma transmissão do "ofício" ocorrida muito à frente no tempo, e por isso mais límpida que outras. Ela se colocava sob a proteção da herança de Francesco I, sobre o qual se conta a seguinte lenda:

"O Rei da França, Francesco I, caçando na floresta do Vale de Loire, se encontra casualmente no meio de uma reunião ritual de Carbonários. Pede para submeter-se às provas, o que lhe é imediatamente consentido."

"O Rei, estando inadvertidamente sentado sobre um cepo que servia de trono ao Padre Mestre, foi afastado deste último o qual lhe dirigiu a frase que virou provérbio: - O Carbonário em sua casa é patrão! - Diz-se com frequência que, a partir daquela ocasião, Francesco I adquiriu o hábito de chamar os seus íntimos "Meus Bons Primos" ou "Minha Boa Prima".

(ALC 2001)

**RITUAL DOS BONS COMPANHEIROS LENHADORES DA FLORESTA DA
VENDA DE MACON (1751)**

**In: JACQUES BRENGES
LA FRANC-MAÇONNERIE DU BOIS
Protectrice de la Forêt
Col. Voies Traditionnelles
Guy Trédaniel Éditeur, Paris, 1991, 344 pp. il..
Tradução de Stella Carbono 14**

Fontes de J. Brenges - Jean Palou, La Franc-Maçonnerie.
Payot, Paris, 1964, p. 325 e ss. (cf. corpus ritual do Musée du Compagnonage de
Tours). Texto integral

O Pai Mestre abre o canteiro com o anúncio: "Ao alto, canteiro!" e diz:

- Boa vida, meu bom companheiro lenhador.

R. - Boa vida, M.B.P.L.

Os utensílios que se figuram em diversos movimentos são: o cutelo, o machado, a
cunha, os cantos, o malhete ou raposa, o serrote, a lima, as chaves da oficina (os dez
dedos), o berbequim, a plaina, a gazua e a forquilha bem afiada.

Há sete espécies de pau, a saber: o picado, o vermelho, o fervoroso, o gordo, o
ramalhudo, o que vira à direita e o que vira à esquerda.

P. - O vosso pau anda bem virante, M.B.P.L.?

R. - É preciso desvirá-lo, M.B.P.L.

P. - O que é que se faz para o desvirandar?

R. - Dão-se três pauladas com ele no corno mais alto.

P. - Quantas achas se tiram de um quarto de lenha rachada?

R. - Três achas.

P. - E como é que de um quarto escolhido se tiram três partes?

R. - Fazendo de um isqueiro um bom companheiro lenhador.

P. - Onde está então a mais bela árvore da floresta?

R. - Mostra-se o sexo com a mão direita.

- P. - Qual é a árvore mais frondosa?
- R. - Toca-se nos cabelos.
- P. - Qual é a mais alta árvore da Venda?
- R. - Toca-se o alto da cabeça.
- P. - Qual é a árvore mais direita?
- R. - Mostra-se o dedo indicador.
- P. - Qual é a árvore mais nodosa?
- R. - Levam-se as mãos aos joelhos.
- P. - Qual é o tronco da árvore?
- R. - Toca-se o tronco, pondo-se as tocas nos lados do corpo.
- P. - Qual é a árvore de 10 ramos?
- R. - Mostram-se os dez dedos das tocas abertas.
- P. - Qual é a árvore de dez ramos cruzados?
- R. - Cruzam-se as duas mãos abertas.
- P. - Qual é a árvore cruzada?
- R. - Cruzam-se os braços.
- P. - Quais são as árvores mais curvas?
- R. - Põe-se a mão direita na anca e curva-se o corpo desse lado.
- P. - Onde estão os caminhos angulares (pieds corniers) (1)?
- R. - Mostram-se os quatro dedos da mão esquerda, sem o polegar.
- P. - Quais são os mais belos canteiros da venda?
- R. - Os olhos, as orelhas, o nariz, a boca, as tocas.
- P. - Qual é a casca mais fina?
- R. - A camisa.
- P. - Qual é a casca mais grossa?

R. - O fato.

P. - Por onde se vai para a floresta?

R. - Pelo caminho angular (pied cornier).

P. - Onde está o caminho angular?

R. - À entrada da floresta.

P. - Qual é a folha mais lustrosa e mais verde da floresta?

R. - O Azevinho.

P. - Onde está o caminho para ir à água?

R. - É o caminho mais batido.

P. Onde fica o meio da Venda (2)?

R. - Pomo-nos à espreita como se quiséssemos receber a salvação e marcamos com o dedo o meio da mão.

P. - O que é um império?

R. - É quando um B.P.L. põe menos toros na pilha do que devia.

P. - Onde é que o pássaro faz o ninho?

R. - Na ilha, no Verne.

P. - Como se vira a rosca?

R. - Passa-se o indicador por cima do dedo do meio e junta-se o polegar ao quarto e quinto dedos.

P. - Onde está a vossa medida?

R. - Mostra-se o meio do braço.

P. - Quantas espécies de região há?

R. - Três espécies: a região alta, a baixa e a que fica a montante.

P. - Onde fica o mais alto país?

R. - Marca-se com o dedo a sangria.

P. - Onde está o país baixo?

R. - Marca-se com o dedo o meio do braço.

P. - Onde fica a região a montante?

R. - Marca-se com o dedo a palma da mão.

P. - Para onde vos passaram?

R. - Para a Câmara de Honra (3) do bom companheiro lenhador.

P. - Qual foi a causa de terdes passado a Mestre?

R. - Foram o pão e o vinho da hospitalidade oferecidos no dia do meu Mestrado na Câmara de Honra do B.P.L..

P. - Onde está o vosso pai?

R. - Levantam-se os os olhos para o céu.

P. - Onde está a vossa mãe?

R. - Baixam-se os olhos para a terra.

P. - Onde está o vosso padrinho?

R. - Vira-se a cabeça para a direita e mostra-se o primeiro botão.

P. - Onde está a vossa madrinha?

R. - Vira-se a cabeça para a esquerda e mostra-se a primeira casa de botão.

P. - Onde é que um B.P.L. guarda a melhor peça da sua oficina?

R. - Na mão.

P. - Onde está a conduta de um B.P.L.?

R. - Põe-se a mão no sovaco.

P. - Onde está o guardanapo do B.P.L.?

R. - Mostra-se a camisa.

NOTAS DE JACQUES BRENGUES

(1) Um pied-cornier é a passagem para um bom companheiro lenhador (canção).

Nota da tradutora: Pieds corniers são as árvores plantadas nos cantos de uma propriedade para assinalar os seus limites.

(2) Parte de uma floresta que acaba de ser cortada e está pronta para a venda.

(3) Equivalente de Loja.

Ritual da Ordem dos Lenhadores dito do Grande Alessandro do Segredo (segunda metade do século XVIII) Tradução de A...L...C...

P. -Que desejais?

R. -Falar ao meu mestre.

P. -Quem é vosso mestre?

R. -O G: Al: do S:.

P. -Como vos chamais?

R. -Giuseppe.

P. -De onde vindes?

R. -De onde me haveis mandado, G: Al:.

P. -E onde vos mandei?

R. -À procura da criança desaparecida.

P. -Sois irmão?

R. -Sim, G: Al:.

P. -Onde fostes recebido?

R. -Na floresta devida.

P. -Quem vos recebeu?

R. -O G: Al: do S: e Giuseppe.

P. -Em que ano a vossa Ordem foi criada?

R. -Nos anos setecentos.

P. -Como fostes instituído?

R. -O G: Al: do S: passeando um dia na floresta do Líbano próximo ao vale de Sinac, no reino de Tiro, onde havia se retirado com a sua Corte para construir um palácio, avistou uma luz que o conduziu muito além na floresta, próximo a uma árvore sobre a casca do qual era escrito em letras douradas: "Derruba-me, corta-me, e no meu coração encontrarás com o que formar a ordem dos Lenhadores".

P. -Que fez o G: Al: vendo aquela escrita?

R. -O Nosso Caro Alessandro sempre submeteu na obediência as ordens do Altissimo, jejuou três dias e fez muitas orações, e então abriu aquela árvore e em seu coração encontrou um livrinho intitulado "O pródigo convertido ou a ordem dos Lenhadores".

P. -Quantos irmãos são necessários para receber um irmão lenhador, em um lugar onde não haja um canteiro constituído?

R. -São necessários três simples irmãos lenhadores, mas um cavaleiro lenhador Eleitoé o suficiente.

P. -Encontrastes a criança desaparecida?

R. -Sim, G: Al::, e a levei a seu pai.

P. -Haveis devolvido à criança o presente que vos ordenei fazer?

R. -Sim, G: Al:, e a fiz conhecer o remetente.

P. -Como chamais os irmãos que estão ao lado do Grande Alessandro?

R. -O irmão que comanda à direita se chama Giacomo e aquele à esquerda Pietro.

P. -Qual é a posição de Giuseppe?

R. -Do outro lado do G: Al::.

P. -Como se chama o lugar onde se reúnem os irmãos?

R. -Nós o chamamos canteiro.

P. -Quem é o vosso pai?

R. -Deus

P. -Quem é o vosso segundo pai?

R. -O G: Al: do S::.

P. -Quem é a vossa mãe?

R. -A Santa Igreja, fora da qual não há salvação.

P. -Em que local vos enviei para procurar pela criança perdida?

R. -Na floresta do Líbano, ordenando de trazê-la viva ou morta.

P. -Não encontrastes ninguém em vossa estrada que vos tenha dado inquietação?

R. -Nós encontramos muitos de nossos irmãos, os quais nos disseram que se não tivéssemos respondido como verdadeiros irmãos lenhadores a todas as perguntas que

nos faziam, nos tirariam a vida, e nos advertiram de ficar em guarda, porque muitos irmãos que o G:Al: havia enviado à procura da criança desaparecida foram encontrados abatidos e assassinados por ladrões que habitavam em grande número as florestas do Líbano.

P. -Como é chamado o homem que não foi recebido lenhador?

R. -Pródigo.

P. -Quais são os deveres de um verdadeiro lenhador?

R. -De guardar inviolavelmente o segredo dos lenhadores e de preferir a morte do que revelar uma única palavra daquilo que lhe foi confiado no canteiro.

P. -O que é proibido para um verdadeiro lenhador?

R. -Receber um pródigo clandestinamente ou fora do canteiro, se existe um, porque de outra forma os outros irmãos ficam no direito de desconhecer e destruir qualquer um que seja capaz de cometer tal crime.

P. -O que tendes visto na floresta do Líbano?

R. -Uma gruta coberta de folhagem, adornada por belas estátuas; vi o nosso G: Al: do S:: todo coberto de glória, coroado de louros, e suspenso na sua cabeça havia um triângulo dourado ornamentado por três diamantes, um em cada ponta.

P. -Que traz o G:AL: na sua frente?

R. -Um avental de pele branca guarnecido de verde, que significa a esperança que temos de receber Deus como nosso pai.

P. -Não havia nada de especial no avental que o G:Al: do S:: usava?

R. -Quatro símbolos grandiosos.

P. -E quais são?

R. -1° - No meio havia um coração bordado de preto, o qual representa o remorso que devemos experimentar por ter ofendido Deus, nosso pai, 2° - No meio do coração uma lágrima vermelha, que representa a dor que devemos levar no coração eternamente pela morte do nosso G: Al: do S:: ; 3° -Quatro utensílios necessários a cada um dos irmãos, e assinaladamente: um machado, uma cunha, um macete e um triângulo; 4° -Três cortes sobre a parte baixa do avental, que representam as três pessoas da Santa Trindade.

P. -Onde era a torre do G: Al: do S::?

R. -Na floresta do Líbano, no vale de Sinac, no reino de Tiro.

P. -Qual era sua forma?

R. -Um Quadrado construído com madeira do Líbano.

P. -Quais eram sua altura e largura?

R. -Tinha a altura de 100 pés e largura de 4, e se viam sobre ela três maços de sempreviva significando a sua eternidade.

P. -De que era pavimentada?

R. -De um mármore branco.

P. -Quantas portas tinha essa torre?

R. -Três

P. -Onde estavam localizadas?

R. -A primeira ao Sul, a Segunda ao Leste e a terceira a Oeste.

P. -Por quantos degraus se chegava à primeira?

R. -Por doze degraus, que representavam os 12 apóstolos, na Segunda se chegava por 4 degraus que representavam as 4 estações do ano, e a terceira ainda 4, que representavam os 4 evangelistas.

P. -O que tinha de especial ao redor dessa torre?

R. -16 belas colunas de mármore preto, com altura de 50 pés por 15 de circunferência.

P. -O que havia em cima?

R. -Uma estátua de mármore branco com altura de 3 pés, em honra dos 16 cavaleiros lenhadores que foram convidados em grupos de 4 pelo nosso G: Al: do S:: para povoar o mundo dos lenhadores.

P. -O que havia dentro da torre?

R. -O trono do nosso G: Al: do S::.

P. -Quantos degraus eram necessários subir para chegar?

R. -Sete

P. -Que significavam?

R. -As sete lágrimas da Virgem Santa.

P. -Onde era colocado o trono?

R. -Ao Norte.

P. -Havia mais alguma coisa?

R. -Viam-se 12 lampadários.

P. -Que significavam?

R. -Os 12 meses do ano.

P. -Quantos braços tinha cada lampadário?

R. -Sete cada um, significando os sete dias da semana.

P. -Havia algo de especial nas portas da torre?

R. -Uma gravura em cada porta.

P. -Qual era o lema da primeira?

R. -Da primeira: o passado me desiludiu; da segunda: o presente me atormenta; da terceira: o porvir me assusta.

P. -Qual a distância da floresta do Líbano até o vale do Sinac?

R. -Uma légua.

P. -E qual a distância do vale de Sinac até o reino de Tiro?

R. -Cem léguas.

P. -O que servia de travesseiro ao G: Al:?:

R. -Um machado.

P. -E de coberta?

R. -Uma cunha.

P. -Qual era a cama do G: Al: do S:?:

R. -Um berço de mármore branco.

P. -Quanto tempo viveu o G: Al:?:

R. -300 anos.

P. -Onde foi sepultado?

R. -Em um mausoléu de mármore branco com 12 pés de comprimento, 7 de altura e 4 de largura.

P. -Qual era o seu epitáfio?

R. -O tempo tudo vence e o G: Al:: terminou a sua caminhada.

P. -Quantas qualidades de madeira deve conhecer um irmão?

R. -Quatro.

P. -Quais são?

R. -O carvalho, o olmo, o espinheiro e a figueira.

P. -Explique.

R. -O olmo é a madeira que serviu para fazer o caixão de nosso Senhor, o carvalho a cruz sobre a qual faleceu, a espinheira a coroa que lhe foi colocada e a figueira a árvore na qual Judas se enforcou.

P. -Onde está situado o canteiro?

R. -Na floresta do Líbano.

P. -O que significa a medalha que levamos no peito?

R. -É o sinal de distinção que o G: Al: do S:: deu a seus irmãos.

P. -Qual era a cor da fita?

R. -Branca, para mostrar a pureza de coração e a inocência da alma.

P. -Quais são os deveres dos irmãos lenhadores?

R. -Visitar seus irmãos doentes, ajudar-lhes em todas as ocasiões, não falar mal deles, defender-lhes se preciso for, manter segredo sobre o que for dito no canteiro, assistir a todas as assembléias, se não estiver impedido por afazeres inadiáveis, e não falar jamais de um irmão ausente, qualquer que seja o mal que ele tenha feito.

P. -Qual é a palavra de passe?

R. -Dá-me a primeira letra e vos darei a segunda...

P. -Como deve se fazer reconhecer um irmão?

R. -Com os sinais conhecidos entre nós.

P. -Que horas são?

R. -É hora de se divertir.

P. -Onde estão Giacomo e Pietro?

R. -Estão atrás de mim.

P. -Se um irmão se encontra em dificuldade, como deve se fazer reconhecer de dia?

[...]

**RITUAL DA ORDEM DOS LENHADORES DITO DO GRANDE ALEXANDRE
DA CONFIANÇA (segunda metade do século XVIII)**

**In: Jacques Brengues
LA FRANC-MAÇONNERIE DU BOIS
PROTECTRICE DE LA FORÊT
Paris, Guy Trédanier Éditeur, 1991, 342 pp il.
Tradução de Stella Carbono 14**

Fontes [de J. Brengues]: manuscrito inédito paginado de 4 a 28 (oito páginas brancas no fim) com capa do mesmo papel de 11,5x17 cm. Fita de encadernação cor-de-rosa. Bela caligrafia inclinada. Numerosos erros de ortografia (cópia? transcrição de uma tradição oral?). Escrita bi ou quadripontuada.

- Pertence ao fundo dito Kernuz dos Arquivos da província de Finisterra (cota: 1005-1623 e 1624) que contém documentos que pertenceram ao franco-maçom Le Saulnier du Vauhello, intendente e secretário do duque de Aiguillon, fundador e venerável da Loja La Sincère Union a Oriente de Châtelaudren (24 Junho 1774).

Recepção

P. - Que desejais?

R. - Falar ao meu Mestre.

P. - Quem é ele?

R. - O Grande Alexandre da Confiança.

P. - Que quereis do G: Al: da C::?

R. - Dar-lhe conta do meu comportamento.

P. - Qual é ele?

R. - Ouso apresentar-lhe uma Criança cujos costumes, afectos do coração, alma e idade competente, me pareceram torná-la digna da minha protecção.

P. - Quem sois vós?

R. - José, o mais fiel e submisso dos irmãos da ordem dos lenhadores.

Neste ponto, o irmão José, segurando a caixa tabaqueira na mão, faz o sinal dos 3 toques: um por cima, os outros dos dois lados da tabaqueira e saúda como irmão lenhador o G: Al: da C::, que lhe diz:

P. - José, respondeis pelo Senhor?

R. - Até aqui, respondo pela sua discrição; as provas responderão pela sua coragem.

O G: Al: da C:: manda-os sentar e, dirigindo a palavra ao pródigo, diz-lhe:

- Senhor, não teria sido a curiosidade a trazer-vos aqui? Ou vindes com zelo e pelo desejo de serdes admitido no número dos irmãos lenhadores? Ai de vós, Senhor, se viestes por curiosidade! Estais bem decidido a sofrer com paciência tudo o que vos poderiam fazer nesta recepção para vos amedrontar?

O pródigo responde: Sim.

O G: Al: da C:: continua:

- Achais-vos suficientemente forte para suportar com coragem o que se poderia fazer à vossa pessoa?

Ele responde: Sim.

- Ai de vós, Senhor, se, movidos por essa curiosidade, víssemos o mais sensato jurisconsulto, o mais confiante Doutor de Leis e o mais bravo guerreiro da Europa, membros da Confraria a que aspirais, fraquejar perante as situações em que ides encontrar-vos. Assim, Senhor, mais uma vez: estais resolvido a passar pelas Provas?

O príodigo responde Sim.

Então José manda tirar o fato ao príodigo, venda-lhe os olhos e fá-lo sentar-se no meio do canteiro. O G: Al: da C:: ordena a José que faça o sinal, o que se executa dando um assobio, e logo os irmãos que se encontram numa sala ao lado batem à porta; José, depois de repetir o sinal, grita-lhes com firmeza:

Intrate in gaudium.

Os irmãos, de avental posto, entram em silêncio. Avançam para o G: Al: da C::, fazem-lhe a reverência como lenhadores e vão postar-se ao canto do canteiro. Então o G: Al: da C:: diz:

- Meus irmãos, baptizai o príodigo.

Baptizam-no.

José manda levantar o príodigo e os irmãos, um após outro, vêm examiná-lo, voltando-se para o G: Al: da C:: ao passar diante dele. Feitas as reverências, cantam:

Dignus est intrare in venerabili nostro corpore.

Voltam para os seus lugares, respondendo:

Amen sicut in coelum amen.

O G: Al: da C:: diz:

- Senhor, agora baptizado, nós acalentamos algumas esperanças em vós, mas previno-vos: o que acabam de vos fazer não é nada em comparação com as provas que vos resta sofrer. Assim, estais resolvido a suportá-las?

O príodigo responde Sim.

O I. José manda-o pôr-se de joelhos; então todos os irmãos despem o fato e, de braço nu, armam-se com uma espada que agitam, e tiram os chapéus.

Devem estar na mesa duas pistolas e três candeias, um triângulo e uma coroa. Circuncisa-se o príodigo, depois faz-se com que ele passeie à volta do canteiro, deixando-o andar perdido algum tempo. O irmão José condu-lo à porta, tira-lhe a venda dos olhos para que possa ver o aspecto aterrador dos irmãos e ordena que seja coroado.

O G: Al: da C:: apresenta-lhe o triângulo e uma das pistolas. O I. José recondu-lo à porta onde volta a pôr-lhe a venda. Retira-se a mesa e leva-se o pródigo para o canteiro. Aí, estando ele deitado ao comprido, com um lençol por cima, diz o G: Al: da C:::

- Filho desgraçado de um pai prevaricador! Todos nós violamos as Leis do nosso divino mestre; a fraqueza, inseparável da natureza humana, o fogo impetuoso da vossa juventude, a lama em que fostes moldado, assim como é exemplo o resto dos homens, levam-me a crer, Senhor, que caístes nos desvarios normais dos da vossa idade. Por isso retrocedei sobre vós mesmo e conciliai-vos com o vosso Criador.

Faz-se um momento de silêncio, levantam-no e põem-lhe uma faca na mão esquerda, com a ponta sobre o coração. E ele repete com o G: Al: da C:::

- "Que este gládio me trespassse o coração!"

Dão-lhe a beber um copo de água e vinho:

- "Que este licor seja um veneno para mim!"

Dão-lhe uma pistola e fazem com que encoste o cano à testa:

- "Que eu seja morto com esta arma se por desgraça revelar uma única palavra do que me vai ser revelado sobre a ordem dos lenhadores!"

O G: Al: da C:: diz-lhe, com voz firme:

- "Senhor, não falteis nunca à vossa palavra, lembrai-vos dos juramentos que acabais de proferir e jamais violeis a promessa com a qual estais prestes a comprometer-vos! De contrário, não respondo pelos Acontecimentos de que poderíeis ser vítima!"

O G: Al: da C:: diz:

- "Meus irmãos, confirmai cada vez mais o pródigo nos compromissos que vai assumir; purificai-o, dando-lhe o baptismo do fogo".

O que se faz.

O G: Al: da C:: diz-lhe:

- Respondei às perguntas que vos vou fazer.

P. - Prometeis assistir na necessidade, e ajudar em quanto de vós dependa, em qualquer país, em qualquer estado e em qualquer situação em que vos encontrardes, todos os irmãos lenhadores que reconhecerdes como tais?

R. - Sim.

P. - Visitá-los-eis quando estiverem doentes?

R. - Sim.

P. - Defendereis os seus interesses sempre e como se apresentarem? Pedireis aos vossos amigos que se empenhem neles?

R. - Sim.

P. - Ouvireis todos os bons conselhos que eles possam dar-vos?

R. - Sim.

P. - Quando, numa Companhia, ou em qualquer outro lado, ouvirdes dizer mal de um irmão ausente, prometeis dissuadir o maledicente, e dizer todo o bem possível?

R. - Sim.

P. - Prometeis nunca falar mal de um irmão, por muito mal que vos tenha feito?

R. - Sim.

P. - Assistireis às assembleias dos irmãos lenhadores tanto quanto as vossas ocupações o permitirem?

R. - Sim.

P. - Sereis submisso e complacente com todos os nossos irmãos, sem excepção?

R. - Sim.

P. - Meus irmãos? Quem responde por este pródigo?

José diz: Eu, G: Al: da C::, que vos asseguro de que ele vos obedecerá em tudo e em qualquer lugar.

Diz o G: Al: da C::: - Dêem-lhe a vida e recebam-no na ordem, sob o glorioso título de José; e que, como tal, venha receber o prémio devido à sua constância e à sua firmeza.

Todos os irmãos se vestem, tal como o pródigo. José apresenta-o ao G: Al: da C::, depois de lhe ter tirado a venda dos olhos; abraça-o e dá-lhe o avental, o sinal; condu-lo assim a cada um dos irmãos, que faz o mesmo. A mesa está posta no meio do canteiro; dispõem-se nela as três luzes, a coroa, o triângulo, e duas garrafas em vez das duas pistolas.

Sentam-se. Bebe-se como lenhador e o G: Al: da C:: diz, cantando:

Ecce quam bonum et quam jucundum habitare fratres in inum.

Todos os irmãos repetem a mesma coisa.



Palavra de passe...

Palavra sagrada...
Catecismo

P. - Que desejais?

R. - Falar ao meu mestre.

P. - Quem é vosso mestre?

R. - O G: Al: da C::.

P. - Como vos chamais?

R. - José.

P. - De onde vindes?

R. - Do lugar a onde me havíeis mandado, G: Al::.

P. - E a onde vos mandei?

R. - À procura da criança perdida.

P. - Sois irmão(s)?

R. - Sim, G: Al::.

P. - Onde fostes recebido?

R. - Na floresta quadrada.

P. - Quem vos recebeu?

R. - O G: Al: da C:: e José.

P. - Em que ano foi criada a nossa Ordem?

R. - No ano Sete Centos.

P. - Como foi ela instituída?

R. - O G: Al: da C::, passeando um dia na floresta do Líbano, perto do vale de Sinac, no reino de Tiro, para onde havia se retirado com a sua Corte, para aí construir um palácio, viu uma luz que o guiou para o interior da floresta, até junto de uma árvore sobre cuja casca estava escrito a letras de ouro: "Abate-me, corta-me, e no meu coração encontrarás com que formar a ordem dos lenhadores".

P. - Que fez o G: Al:: ao ver a escritura?

R. - O nosso Caro Alexandre, sempre submisso em obediência às ordens do Altíssimo, jejuou 3 dias, rezou muito, e depois abriu a árvore, encontrando no seu coração um livrinho intitulado "o pródigo convertido ou a ordem dos lenhadores".

P. - Quantos irmãos são necessários para receber um irmão lenhador, num local em que não haja um canteiro constituído?

R. - São precisos 3 simples irmãos lenhadores, mas basta um cavaleiro lenhador Eleito.

P. - Encontrastes a criança perdida?

R. - Sim, G: Al::, e levei-a ao que é seu pai.

P. - Entregastes à criança perdida o presente que vos tinha encarregado de lhe dar?

R. - Sim, G: Al::, e disse-lhe quem era o proprietário.

P. - Como chamais aos irmãos que estão ao lado do Grande Alexandre?

R. - O irmão que comanda à direita chama-se Tiago e o da esquerda, Pedro.

P. - Onde está José colocado?

R. - Em frente do G: Al::.

P. - Como se chama o lugar onde se reúnem os irmãos?

R. - Nós chamamos-lhe canteiro.

P. - Quem é o vosso pai?

R. - Deus

P. - Quem é o vosso segundo pai?

R. - O G: Al: da C::.

P. - Quem é a vossa mãe?

R. - A Santa Igreja, fora da qual não há Salvação.

P. - A onde vos enviei à procura da criança perdida?

R. - À floresta do Líbano, ordenando que vo-la trouxéssemos, morta ou viva.

P. - Não encontrastes ninguém pelo caminho que vos tenha inquietado?

R. - Encontrámos vários dos nossos irmãos, que nos disseram que se não tivéssemos respondido como verdadeiros irmãos lenhadores a todas as perguntas que nos faziam, nos teriam morto, e advertiram-os que ficássemos em guarda, porque muitos irmãos que o G: Al:: tinha mandado à procura da criança perdida tinham sido encontrados roubados e assassinados por um grande número de ladrões que viviam na floresta do Líbano.

P. - Que nome se dá a quem não foi recebido lenhador?

R. - Pródigo.

P. - Quais são os deveres de um verdadeiro lenhador?

R. - Manter inviolavelmente o segredo dos lenhadores e preferir a morte a revelar uma única palavra daquilo que lhe foi confiado no canteiro.

P. - O que é proibido ao verdadeiro lenhador?

R. - Receber um pródigo clandestinamente ou fora do canteiro, se houver canteiro, ou os outros irmãos ficam no direito de não reconhecer e eliminar quem seja capaz de cometer tal crime.

P. - Que vistes na floresta do Líbano?

R. - Uma gruta coberta de folhagem, adornada com belas estátuas; vi o nosso G: Al: da C:: todo coberto de glória, com uma coroa de louro e um triângulo de ouro à cabeça, ornado com três diamantes, um em cada canto.

P. - Que traz o G: AL:: na sua frente?

R. - Um avental de pele branca guarnecido de verde, que significa a esperança que temos de receber deus nosso pai.

P. - Não havia nada de especial no avental do G: Al: da C::?

R. - Quatro coisas grandiosas.

P. - E quais são elas?

R. - 1ª - No meio havia um coração bordado de preto, que representava a pena que devemos sentir por termos ofendido Deus, nosso pai.

2º - No meio do coração, uma lágrima vermelha, que representa o luto que devemos ter eternamente no coração pela morte do nosso G: Al: da C::.

3º - Quatro utensílios necessários a cada um dos irmãos, a saber: um machado, uma cunha, um macete e um triângulo.

4º -Três cortes na parte inferior do avental, que representam as 3 pessoas da Santíssima Trindade.

P. - Onde ficava a torre do G: Al: da C::?

R. - Na floresta do Líbano, no vale de Sinac, no reino de Tiro.

P. - Que forma tinha?

R. - Um Quadrado construído com madeira do Líbano.

P. - De que altura e largura era?

R. - Tinha 100 pés de altura e 4 de largura, e três ramos de sempre-viva em cima, para assinalar a sua eternidade.

P. - Com que era pavimentada?

R. - Com mármore branco.

P. - Quantas portas tinha essa torre?

R. - Três.

P. - Como se orientavam?

R. - A 1ª estava virada ao Sul. A 2ª, a Leste. E a 3ª, a Oeste.

P. - Quantos degraus tinha a 1ª?

R. - 12 degraus, que representavam os 12 apóstolos. A 2ª, 4, que representavam as 4 estações do ano; e a 3ª, 4, que representavam os 4 evangelistas.

P. - O que havia de notável ao redor dessa torre?

R. - 16 belas colunas de mármore preto, com 50 pés de altura por 15 de circunferência.

P. - O que havia em cima?

R. - Uma estátua de mármore branco com 3 pés de altura, em honra dos 16 cavaleiros-lenhadores enviados de 4 em 4 pelo nosso G: Al: da C:: para povoarem o mundo com lenhadores.

P. - O que havia dentro da torre?

R. - O trono do nosso G: Al: da C::.

P. - Quantos degraus era preciso subir?

R. - Sete.

P. - Que significavam?

R. - As sete lágrimas da Virgem Santíssima.

P. - Onde ficava o trono?

R. - A Norte.

P. - Havia mais alguma coisa?

R. - Viam-se 12 lâmpadas.

P. - Que significavam?

R. - Os 12 meses do ano.

P. - Quantos braços tinha cada lampadário?

R. - Sete cada um, significando os sete dias da semana.

P. - Não havia nada de especial nas portas da torre?

R. - Havia um Letreiro em cada porta.

P. - Qual era a divisa do 1º?

R. - 1º: O passado enganou-me.

2º: O presente atormenta-me.

3º: O futuro mete-me medo.

P. - Qual a distância entre a floresta do Líbano e o vale do Sinac?

R. - Uma légua (1).

P. - E qual a distância entre o vale de Sinac e o Reino de Tiro?

R. - 100 léguas (2).

P. - O que servia de travesseiro ao G: Al::?

R. - O seu machado.

P. - E de coberta?

R. - A sua cunha.

P. - Qual era a cama do G: Al: da C::?

R. - Um berço de mármore branco.

P. - Quanto tempo viveu o G: Al::?

R. - 300 anos.

P. - Onde foi enterrado?

R. - Num mausoléu de mármore branco com 12 pés de comprimento, 7 de altura e 4 de largura.

P. - Qual era o seu epitáfio?

R. - O tempo tudo vence e o G: Al:: terminou a sua caminhada.

P. - Quantas espécies de madeira deve conhecer um irmão?

R. - Quatro.

P. - Quais são elas?

R. - O carvalho, o olmo, o espinheiro e a figueira (3).

P. - Explicai.

R. - O olmo é a madeira que serviu para fazer o caixão de nosso Senhor, o carvalho, a cruz em que expirou, o espinheiro, a coroa que lhe puseram na cabeça, e a figueira a árvore na qual Judas se enforcou.

P. - Onde está situado o canteiro?

R. - Na floresta do Líbano.

P. - O que significa a medalha que usamos ao peito?

R. - É o sinal de distinção que o G: Al: da C:: dava aos seus irmãos.

P. - Qual era a cor da fita?

R. - Branca, para mostrar a pureza de coração e a inocência da alma.

P. - Quais são os deveres dos irmãos lenhadores?

R. - Visitar os seus irmãos doentes, ajudá-los em todas as ocasiões, não falar mal deles, defendê-los quando for preciso, manter segredo sobre o que for dito no canteiro, assistir a todas as assembleias, a menos que haja graves impedimentos, e nunca falar mal de um irmão ausente, seja qual for o mal que nos tenha feito.

P. - Qual é a palavra de Passe?

R. - Dai-me a 1ª letra, dar-vos-ei a segunda...

.....
.....

P. - Como deve um irmão dar-se a conhecer?

R. - Com os sinais conhecidos entre nós.

P. - Que horas são?

R. - É a hora de nos divertirmos.

P. - Onde estão Tiago e Pedro?

R. - Vêm atrás de mim.

P. - Se um irmão se encontrar em dificuldades, como deve fazer-se reconhecer de dia?

R. - Deve cruzar os braços.

P. - E de noite?

R. - Deve gritar: "Acudi-me, meus ii;; perdi-me".

P. - Se um irmão quiser falar a um irmão que esteja acompanhado, que sinal deve fazer?

R. - Levar a mão ao 1º botão do fato.

P. - Qual o sinal de quem entendeu?

R. - Levar a mão à testa e tocá-la com a ponta dos dedos.

Notas da tradução

(1) Légua é lieue. No original, o que se lê é un lieu, um lugar, o que é diferente de une lieu, passível de se entender como erro de ortografia. Eis a redacção completa: "R. - Un (-) lieu (-) (sic)."

(2) No original: "R. - 100 lieu (-) (sic)". A tradução literal em português dá uma frase com sentido, no estilo de charada: "100 lugar" (sem lugar). Estas distâncias são as da utopia, por isso atópicas.

(3) "Le chêne, l'ormeau, l'épine et le seudre". Seudre não figura nos dicionários correntes. Poderia ser deturpação de cèdre, mas nesse caso Judas não se enforca numa figueira, neste ritual.

Cavaleiro do Real Machado, chamado algumas vezes de Grande Patriarca, com o título de Príncipe do Líbano

**De David Bernard - Ligh on Masonry - 1829 - reprint Kessinger Pub., Kila MT
s.i.d. -
Ttrad. A...I...C...**

Esta reunião é denominada "Colégio"

Para abrir

- O Chefe Príncipe diz: "À ordem, irmãos", o Primeiro e o Segundo Grande Vigilantes lhe respondem da mesma maneira. Depois de terem permanecido por algum tempo em silêncio, o Chefe Príncipe levanta as duas mãos, afastando ao máximo seus dedos, e diz: "As árvores do Líbano cresceram o suficiente e estão prontas para o corte". Às suas palavras todos os presentes respondem estendendo as mãos do mesmo modo, e deixando-as cair sobre as coxas, numa alusão ao fato de que foram abatidos, por terem se dedicado por motivos sagrados, e que de fato foram usados

1° - para fabricar a arca de Noé;

2° - para construir a Arca da Aliança;

3° - para edificar o Templo de Salomão.

O Chefe Príncipe e o Primeiro Vigilante então dizem:

P. - Noah

R. -Japhet

P. -Bezaleel

R. -Eliab

P. -Sidonii

R. -Líbano

Origem

- Este grau foi estabelecido nas três ocasiões acima mencionadas, o corte dos cedros por razões santas. A explicação dos escritos sobre o MACHADO, ou JÓIA, os explicará.

L, sobre um lado do cabo do machado, significa LÍBANO; S, em cima, significa SALOMÃO; AB, sobre o mesmo lado, significa ABDA; A sobre o mesmo lado,

significa ADONIRAM; C, sobre o mesmo lado, significa CIRO; D, sobre o mesmo lado, significa DARIO; X, sobre o mesmo lado, significa XERXES; Z, pelo mesmo lado, significa ZERUBBABEL; A, pelo mesmo lado, significa ANANIA.

Do outro lado do machado estão as seguintes iniciais: S, sobre a lâmina, significa SIDON; N, em cima do cabo, NOAH; S, debaixo, significa SHEM; C, ainda debaixo, CHAM; I, na seqüência, JAPHETH; M, ainda embaixo, MOSÈ; ainda B, que está para BEZALEEL e E, para ELIAB. O citado machado, a jóia, deve ser coroadado, possivelmente de ouro, e estar sobre o peito pendurado a uma fita das cores do arco-íris. Pode ser também vestida a faixa do ombro direito até o quadril esquerdo.

Os Sidônios sempre foram muito zelosos pelas empreitadas santas; antes do dilúvio, sob o comando de Japhet, se ocuparam do corte dos cedros do Monte Líbano necessários para construir a arca de Noé. Do mesmo modo os seus descendentes cortaram os cedros do Líbano, que haviam crescido novamente, para construir a Arca da Aliança; e os descendentes desses cortaram também nos mesmos bosques, sob o comando do Príncipe de Heroden, para a construção do primeiro templo de Deus, segundo as ordens de Salomão.

Os Samaritanos prestaram a sua assistência no transporte de madeira desde a montanha até a beira mar, de onde era levado a Joppa.

Ainda homens zelosos da sua estirpe foram empregados para prover a madeira necessária para a fabricação do segundo templo, segundo as ordens de Ciro, Dário e Xerxes, sob a direção de Zorobabel. Esta celebrada nação formou nas montanhas do Líbano Colégios, ou assembléias, e sempre nos seus trabalhos adoraram o Grande Arquiteto do Universo. Eles tinham os mesmos sinais, e as diferentes palavras eram assinaladas pelos diversos inspetores e condutores, como Noah e os seus três filhos.

Sendo Noah o chefe, e seus três filhos os condutores e antigos patriarcas, no tempo do dilúvio nós extraímos deles o conhecimento desses eventos.

Nos tempos mais remotos, Colégios se estabeleceram na montanha, para a construção da arca da aliança, e algum tempo depois se reuniram os mesmos colégios para a construção do templo de Salomão. O sábio Rei ordenou que se construísse um pequeno palácio sobre o Monte Líbano, e quando ficou pronto era comum ele dirigir-se até lá para controlar os progressos dos operários no corte e esquadreamento dos cedros.

Porisso, pelo seu exemplo, nós preservamos com o maior respeito o nome daqueles veneráveis patriarcas, e também a memória dos Sidônios. As iniciais gravadas na jóia, assim como sua forma, nos dá um resumo desse interessante relato.

O Colégio se fecha da mesma forma que é aberto.

(ALC 2001)

**RITUAL COMPANHEIRISTA DA ORDEM DOS LENHADORES
(começo do século XVIII)**

Jacques Brengues

**In: Jacques Brengues
LA FRANC-MAÇONNERIE DU BOIS
PROTECTRICE DE LA FORÊT
Paris, Guy Trédanier Éditeur, 1991, 342 pp il.
Tradução de Stella Carbono¹⁴
Fonte [de Jacques Brengues]:**

**- (Colecção particular), Muses du Tour de France, ano de 1927,
pp. 205 a 212 (oito páginas manuscritas, escrita cuidada).**

Extractos (1)

A Oriente coloca-se um tronco a servir de altar; em cima dele está o Evangelho, um manequim de cavacos, um pão de milho (a) e sal, uma coroa verde e um cordão amarelo de folhas mortas, para o recipiendário, na ponta do qual pende um machado dourado.

Ao lado do tronco pousar-se-á um cepo para o recipiendário se sentar, sobre o qual está uma coroa que lhe porão na cabeça depois de ter feito juramento. Ao lado do canteiro estará um leito de erva ou de folhas mortas para o recipiendário se sentar depois do trabalho; haverá também um grande tronco (b) pronto para ser rachado, e ao pé dele um machado e uma cunha, para mandar trabalhar o recipiendário; e ainda uma tora mal amanhada para o recipiendário se exercitar no ofício.

Os Primos estão em mangas de camisa, arregaçadas, e de tamancos. Têm nas mãos coroas de folhagem, um cordão amarelo de folhas mortas ao pescoço, em cuja ponta está preso um machado.

Abertura do canteiro

O Mestre bate o pau, os dois Primos, guardas do canteiro, batem as pancadas um a seguir ao outro.

O primeiro guarda chama-se Primo do Carvalho, o segundo, Primo do Ulmeiro.

O Mestre diz uma vez: "À vantagem!"; o primeiro guarda diz "À vantagem!" duas vezes e o terceiro, três vezes.

O Mestre: "Boa vida".

Primeiro guarda: "Boa vida".

Segundo guarda: "Boa vida".

O Mestre: "Bom coberto, Companheiros lenhadores".

O primeiro e segundo guardas fazem os sinais e toques.

.....
.....

O Mestre: - Como está o tempo?

R. - Ótimo, o Sol está a levantar-se.

P. - Porque é que ele se levantou?

R. - Para nos ajudar no trabalho.

P. - O que queres fazer aqui?

R. - Mal em aparência que depressa se tornará bem.

P. - Já trabalhaste num canteiro?

R. - Sim.

P. - Qual é a prova disso?

R. - O meu pai é como eu o respeito, e a minha mãe, também a amo.

P. - Onde viste o Mestre do canteiro?

R. - Vi-o postado a Oriente.

P. - Como o reconheceste?

R. - Pelo cordão amarelo que usa ao peito, do qual pendia um machado dourado.

P. - Quem arranjou a tua entrada para o meio de nós?

R. - O meu padrinho... e a minha madrinha...

P. - Que fizeram eles por ti?

R. - Garantiram ao Mestre do canteiro e aos Primos que eu era corajoso e bom para o trabalho.

P. - Não nos terão enganado?

R. - Não, se quiseres provas, põe-me ao trabalho.

P. - Prestaram-te as honras?

R. - Coroaram-me sobre o sagrado cepo.

P. - Recompensaram-te?

R. - Sim, deram-me um pão de amargura, a carga e um manequim, que logo queimei.

P. - Onde estão os quatro cantos da virtude?

R. - Os quatro dedos da mão.

P. - Tens a chave do canteiro?

R. - Está aqui. (Fazem um gesto como se fossem abater uma árvore). O Mestre bate três pancadas e os dois guardas respondem: "Primos, Companheiros lenhadores, se as ferramentas estiverem afiadas, os Primos de boa saúde e o Sol levantado, corramos para o trabalho, o canteiro abriu.

.....
.....

O Mestre e os Primos põem o seu cordão amarelo e coroas de folhas.

O Mestre. - Primo Picador, vai visitar a floresta, e se encontrares curiosos, trá-los aqui; se forem corajosos, recebê-los-emos.

O Picador sai e percorre a floresta, se encontrar o recipiendário, desarma-o, tira-lhe o dinheiro e a roupa e condu-lo até à porta do canteiro, onde o deixa, até ter prestado contas ao Mestre, depondo no meio do canteiro tudo o que tirara ao recipiendário.

P. - Novidades, Primo Picador?

R. - Encontrei um curioso que cirandava na floresta, desarme-o, despojei-o e deixei-o à porta do canteiro.

P. - É corajoso? Defendeu-se bem?

R. - Sim, muito corajosamente.

Mandai-o entrar e trazei-o para entre os dois guardas do canteiro.

Depois de lhe ter perguntado o nome e as suas qualidades, o Picador introdu-lo e posta-o entre os dois guardas.

O Mestre (ao recipiendário). - Meu amigo, que fazias tu na floresta? Era por curiosidade que por lá andavas ou por desejo de roubar cordas de pau?

R. - Quando fui atacado, não tinha curiosidade nenhuma nem desejo de roubar, seguia o meu caminho.

P. - Estás contrariado por teres caído nas nossas mãos?

R. - Sim, porque me roubaram tudo o que possuía.

P. - Meu amigo, tenho boa impressão a teu respeito e sobre a tua coragem; se queres ser um dos nossos, ordenarei que te devolvam tudo o que te foi roubado; caso contrário, dar-te-ei meios para saíres e ficares a salvo dos que ainda poderias encontrar.

R. - Consinto em ser admitido entre vós, se me julgardes digno disso.

O Mestre. - Não posso receber-te sem saber a opinião do canteiro.

- Alguém tem algo a censurar ao aspirante?

O Mestre. - Já que na opinião e julgamento do canteiro podes ser recebido entre nós, é preciso provar que és suficientemente robusto para a aprendizagem. (Mostram-lhe um monte de toros que terá de aparelhar. Acabada esta prova, mandam-no deitar na erva, dizendo-lhe que já trabalhou bastante e merece descansar, e que o tempo de repouso lhe dará matéria de reflexão; depois de ter descansado, pergunta-se-lhe se persiste na decisão de ser recebido). Se responder sim, mostra-se-lhe um cepo no chão, mete-se na mão um machado para rachar o toro em várias achas, dizendo-se-lhe: Sê prudente nas machadadas, porque este instrumento pode dar-te a vida, mas também pode dar-te a morte. Depois de ter rachado o cepo em várias achas, dá-se-lhe ordem de descansar, e volta-se a perguntar se teima em ser recebido. Se responder que sim, dá-se-lhe um cavaco para queimar, o pão de amargura para comer, e em seguida manda-se que preste o seguinte juramento:

Juramento

Juro e prometo nunca ensinar nem revelar a ninguém o Dever dos Lenhadores, a não ser no canteiro e se me derem poder para isso, com ajuda dos outros Primos; juro não ir para a zona de abate de outros Primos, nunca viver com a sua mulher ou companheira, ser fiel à minha religião e ao meu Príncipe, nunca voltar o meu machado contra os meus Primos em dificuldades, e dar-lhes, quando estiverem em necessidade, a sopa de couve, um manequim, asilo na minha cabana e metade da minha jorna, se a tiver ganho. Juro, sob pena de me arrancarem do corpo a cabeça e os braços.

.....
.....

- O que encontraste nos canteiros?

- Primos ardentes no trabalho e corajosos ao defenderem-se.

- Que vieste aqui fazer?

- Trabalhar para viver.

- Se tiver necessidade do teu auxílio, que me darás?

- Metade da minha jorna, se a tiver ganho, metade da minha sopa, do meu pão e do meu cepo, que queimaremos os dois, e lugar na minha choça.

- Estás contente por seres lenhador?

- Sim.

- Nós também, por te termos connosco.

Fecho

- Primo do Ulmeiro, como está o tempo?

- Pôs-se o Sol.

- Já que o Sol se pôs, é tempo de acabarmos a jorna. Retirai-vos para as vossas choças, o canteiro fechou.

Comentário: por manequim, entenda-se um cesto de fibra vegetal; mas, simbolicamente, trata-se de um copo (as achas representam a bebida iniciática, vinho ou outra).

"Queimar o manequim" significa: beber o conteúdo do copo. "a acha que se queima em companhia de outro" é a bebida que se partilha (beber em comunidade). O vinho de cavacos é, como se sabe, o vinho novo passado por aparas de madeira, para aclarar mais depressa. Pensamos no "álcool de madeira..."

Terão notado o simbolismo florestal: tronco, coroa verde e um colar amarelo de folhas mortas, cepo, canteiro, "o coberto", assim como a referência às árvores: o carvalho, o ulmeiro. Não se aceita ter a garganta cortada, sim, como bom habitante da floresta, "a cabeça e os braços separados do corpo".

O ritual é religioso: evangelho sobre o altar, pão de amargura.

O ofício é privilegiado: o machado dourado (lembremo-nos da lenda dos três machados em Rabelais e em La Fontaine), o trabalho e o seu preço. Está-se em mangas de camisa, arregaçadas, e de tamancos...

"Bater o pau" significa certamente dar as pancadas com um macete, ou com um pau.

A referência ao Oriente é de reter, tanto como a importância dada à mulher (a "madrinha").

Notemos que os lenhadores andavam "armados" no seu bosque. Tinham de ser nove para se reunirem regularmente.

A dualidade simbólica da árvore ou do machado que a abate (Vida e Morte, Bem e Mal) é nítida neste ritual.

Não se utiliza a escrita tripontuada.

Ordem: estando de pé, levar a mão direita à garganta, em forma de cunha.

.....
.....

Os Bons Primos tinham um ritual de mesa: o garfo era o "ancinho"; a faca, "a machadinha"; o molho, "a terra"; o assado: "o carvão"; o vinho "brasa" ou "cavacos"; a água: "brasa má"; o copo: "joeira" (c).

Notas de Jacques Brengues

(1) As palavras e frases que ainda são usadas nas iniciações foram substituídas por pontilhados.

Notas da tradução

(a) Um pão de cinco vinténs.

(b) No original, tison - tição.

(c) O autor comenta trechos do ritual que não publicou, de acordo com a sua nota - (1) - de que não divulgaria nada do que ainda é usado nas iniciações.

TÉRMINO DOS TRABALHOS

Gr.M. - Bom Primo Mestre de Cerimônias, fazei girar o Saco de Propostas.

O Mestre de Cerimônias anuncia que fará o giro, será acompanhado ao Trono pelos Assistentes e dois Mestres. O Grão Mestre pegará as peças e as contará.

Gr.M. - Assistentes, anunciai que o Saco produziu N...(número) de Propostas, que serão passadas ao Secretário, após serem lidas.

Os Assistentes repetem.

Gr.M. - Primos Assistentes, anunciai que vai circular o Saco de Beneficência. Os Assistentes repetem o anúncio.

O Mestre de Cerimônias faz o giro na sala acompanhado de dois Mestres e leva o Saco ao Orador, que enumera as peças com o Grão Mestre.

Gr.M. - Bons Primos, o Saco de Beneficência produziu a medalha cunhada de...(número) que será entregue ao bom Primo Tesoureiro. Assistentes, anunciai aos vossos obreiros, que se alguém tem alguma proposta em benefício da Ordem e da Venda, a palavra lhe será concedida.

Os Assistentes repetem, e em seguida dão a resposta.

Gr.M. - Assistentes, anunciai aos vossos Obreiros, que será lida pelo Secretário a agenda dos trabalhos do dia.

Os Assistentes repetem a ordem, depois o Secretário lê.

Gr.M. - Se alguém tem alguma observação a fazer sobre a redação da peça do Forno que acaba de ser lida, a palavra lhe será concedida.

Os assistentes repetem, e em seguida discute-se o assunto citado.

Gr.M. - Bom Primo Orador, realizai as vossas conclusões.

O Orador lê suas conclusões, depois se encerram os trabalhos desta maneira:

Gr.M. - Primeiro Assistente, a que horas se encerram os nossos trabalhos?

R. -Na hora em que o Sol não mais ilumina as nossas Florestas.

Gr.M. - Segundo Assistente, que horas são?

R. - O Sol não ilumina mais as nossas Florestas.

Gr.M. - Já que o Sol não ilumina mais as nossas Florestas, é hora de encerrar os nossos trabalhos. Primeiro e Segundo Assistentes, anunciai a todos os bons Primos dos vossos Obreiros, para que se unam a mim para encerrar os trabalhos deste dia.

Os Assistentes repetem.

Gr.M.- De pé e à Ordem (bate as três batidas do grau). À Glória do Grão Mestre do Universo e sob os auspícios da Alta Venda, a respeitável Venda de..... encerra seus trabalhos no Grau de Aprendiz. A mim, bons Primos, pelos Sinais.

O Grão Mestre faz os Sinais, depois os Aplausos, acompanhado por todos os outros.

Gr.M. - A Venda está fechada. Juremos manter segredo e a palavra de nos reunirmos na primeira ocasião com maior fervor.

Todos levantam a mão e dizem: - Juro.

Depois se faz a cadeia de união, dá-se alternadamente a palavra de passe e o beijo da paz , e a Assembléia se dissolve.

RITUAL DO GRAU DE RACHADOR OU RACHADORA (1747)

**In: Jacques Brengues
LA FRANC-MAÇONNERIE DU BOIS
PROTECTRICE DE LA FORÊT
Paris, Guy Trédanier Éditeur, 1991, pp 211-216
Tradução de Stella Carbono14**

Fonte: Cf. Rituel compagnonnique de l'ordre des fendeurs (formato pequeno, 15 folhas manuscritas, bela escrita tripontuada).

Os Lenhadores arranjam-se o mais grotescamente possível: em mangas de camisa, braços nus, sujam a cara e põem um ramo de verdura no chapéu.

As Rachadoras (é assim que se designam as senhoras iniciadas) (1) arranjam-se também de maneira grotesca, as mangas arregaçadas e a cara ligeiramente enfarruscada de carvão, vestem algumas peças de roupa camponesa misturadas com as suas roupas normais, usam algumas fitas, uns ramos de flores e de verdura. Bom seria alguém que soubesse tocar rabeca, flauta ou quaisquer outros instrumentos campestres.

O campo é o melhor lugar para estas assembleias, escolhe-se então uma clareira na floresta, no meio de um arvoredo, num jardim em que haja muitas árvores. À falta disso, se se está na cidade, escolhe-se um salão cujas paredes se cobrem de ramos verdes, com os quais se formará uma álea no meio da sala; deixa-se um lugar vazio para um grande tronco de árvore, o maior que se possa arranjar, com altura de uma mesa vulgar; em cima do tronco dispõem-se, cruzadas uma sobre a outra, duas achas de lenha, de um pé e meio de comprido por uma polegada e meia de diâmetro, com um pequeno machado; os assentos para a assembleia serão troncos de madeira, armados com velhos utensílios e ferramentas. As duas achas que estão em cruz em cima do tronco servirão para bater o compasso (2).

Primo_Guarda:

P.'.. - De onde vens?

R.'.. - Da Floresta do Rei.

P.'.. - Como está o tempo?

R.'.. - Bom tempo, está tudo sossegado na floresta, podemos trabalhar em segurança no canteiro, já o sol se levantou há mais de uma hora.

Então todos os LL.'.. batem palmas e o Primo-Mestre diz:

«Primos e Primas, o canteiro está aberto»

Os Primos e Primas cantam e imitam alguns instrumentos musicais com as suas ferramentas.

.....

Quando houver alguma recepção, põe-se o recipiendário num lugar próximo, de maneira a que não veja nada; todos devem afiar os instrumentos e fazer muito barulho, para o intimidar, e assim continuarão até que alguém o vá buscar.

Um lenhador com funções de guarda da floresta, chamado Primo-guarda, de toro de lenha ao ombro, passeia pelo meio do bosque, a cantar. De repente vai perguntar ao Isqueiro (é o nome que se dá àqueles e àquelas que não têm este grau) (3), tratando-o por tu:

P.!.. - Que estás aqui a fazer?

À resposta do isqueiro de que quer ser lenhador, o Primo-guarda fecha-lhe a porta e regressa à floresta, gritando três vezes: «À vantagem!».

O Primo-Mestre, que é o chefe da assembleia, responde igualmente três vezes «À vantagem!», perguntando-lhe se não viu nada na floresta.

O Primo-guarda responde «que encontrou um bom isqueiro que lhe pediu para ser recebido lenhador».

O Primo-Mestre pergunta-lhe se é digno de o ser e se o reconhece como pessoa de bem. Ao que o Primo-guarda responde que sim; então o Primo-mestre manda-o ir buscá-lo.

O Primo-guarda vai buscar o isqueiro, e diz-lhe que o siga, vindo atrás dele. Apresenta-o ao Primo-Mestre, que lhe pergunta, tratando-o sempre por tu, se não é por espírito de curiosidade que quer saber o segredo dos lenhadores para a seguir o divulgar.

O isqueiro responde sempre com respeito; e após várias outras perguntas ameaçadoras, o Primo-Mestre manda-o retirar-se. O Primo-guarda acompanha-o, para lhe voltar a fechar a porta. Então o Primo-mestre pergunta a opinião de todos os LL.! Rachadores e Rachadoras, normalmente chamados Primos e Primas, que se tratam por tu ao falarem-se, exceptuando o Primo-Mestre, que se trata com o maior respeito que lhe é devido. Feito isto, alinham-se em ferradura, e o Primo-Mestre diz ao Primo-guarda que se arme com o machado que traz ao ombro e que vá buscar o isqueiro.

O Primo-guarda obedece e apresenta-o ao Primo-mestre, que ordena então ao Primo-guarda que apregoe a venda do isqueiro, o que se faz desta maneira.

O Primo-guarda pega na mão esquerda do isqueiro, e, começando pelo lado esquerdo, leva-o a dar três vezes a volta aos Primos e Primas, passando por detrás deles; a cada volta, grita «à vantagem». Quando se encontrarem diante do Primo-Mestre, deve fazer-lhe uma reverência.

Dever

Terminadas as três voltas, o Primo-Mestre pergunta ao Primo-guarda:

P.!..- Que andaste a fazer?

Ele responde:

R'.. - Acabo de apregoar a venda do isqueiro.

O Primo-Mestre diz que não e manda avançar o isqueiro até junto dele. Em cima do tronco está uma côdea de pão duro e um copo de vinho. Manda-o pôr a mão direita sobre o copo e a mão esquerda sobre a côdea de pão; então todos os Primos e Primas se levantam, armam-se com os seus instrumentos e aproximam-se com ar brutal, fingindo ameaçá-lo. O Primo-mestre diz-lhe:

«Como foi por vontade tua que vieste à floresta, e como sofreste que tivessem apregoados a venda do isqueiro, já não dependes de ti; assim, jura-nos sobre este pão e sobre este vinho, que guardarás os segredos que te vão ser confiados; que socorrerás os Primos e as Primas nas suas necessidades; que não atentarás contra a sua vida nem contra a sua honra; que não desejarás a prima de um primo; que não dirás mal deles nem de estrangeiros; que não venderás a madeira em leilão; se não, diz, e que este pão que vais comer e este vinho que vais beber sejam um veneno para ti; e no entanto nós comê-lo-íamos, porque, estás a ver? (dá-lhe uma pancada com a machadinha que tem na mão, e faz sinal de lhe bater com ela na frente) este machado responde pelos teus actos".

Dever especial

Todos os lenhador e lenhadoras usarão, na lapela, a jóia que é uma pequena cunha de prata com uma fitinha verde.

Serão obrigados, ao levantarem-se, de manhã, a pronunciar: Jeusu Nazarenum Rex Judeorum (4), fazendo três sinais da cruz na testa.

Os estatutos serão regulamentados pelo Primo-Mestre; cumpre-lhe a ele impôr as penas; não se deve iniciar ninguém nesta ordem que não seja maçon ou maçona, e só se pode exigir deles a sua quota-parte para a despesa da recepção.

Este grau foi criado em memória de Adoniram, que Salomão nomeou seu intendente dos cortes de madeira que mandou fazer por indicação de dez mil homens, de três em três meses, nas florestas do monte Líbano, nas quais Hiram, rei de Tiro, tinha permitido a Salomão, seguindo o acordo entre ambos, de ali buscar toda a madeira necessária para a construção do templo.

O canteiro fecha do seguinte modo:

P'.. - Como está o tempo?

R'.. - O Sol pôs-se, já não se vê bem na floresta, é tempo de descansarmos.

Todos batem palmas, num grande aplauso, e desta maneira se fecha o canteiro.

Notas da tradução

(1) Rituel du grade de Fendeur ou de Bûcheron é o título do texto. O autor começou por usar o termo Fendeurs para os homens, e agora usa Bûcheronnes para as mulheres. Não há grande diferença em português. Fendeur é o que fende a madeira, bûcheron é o que a racha. Todos são lenhadores.

(2) Battre la marche. O autor considera a expressão uma das provas do carácter maçónico do ritual, a par do tratamento por tu, das achas em cruz (sinal de alto grau) e da jóia em forma de cunha, próxima do triângulo.

(3) Briquet, isqueiro, fuzil de aço com que se fere lume na pederneira, para atear o fogo a um objecto inflamável, a isca. Por extensão, dá-se o nome de isqueiro a qualquer objecto que sirva para produzir lume. Nos comentários, o autor diz que "briquet" é um termo novo para recipiendário, num ritual companheirista, e interroga-se: "cãozinho em relação aos cães do rito Soubise (?)"

(4) Jacques Brengues informa que o ritual pertence aos Altos Graus, entre outras provas, por esta: "A referência ao tetragrama bíblico - INRI - prova-o ainda melhor. Sabe-se que, tal e qual (Je(u)sus(s) Nazare(n)us Rex Iudeorum) representava no século XVIII a Palavra descoberta no décimo-terceiro grau e perdida no décimo-sétimo. Os Rosa-Cruz contribuirão para o caso com uma interpretação hermética.

<http://www.triplov.com/carbonaria>